

Shabbath: Um Sinal de Esperança

Richard B. Gaffin, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

No sexto dia, Deus contemplou sua obra finalizada em seu vasto esplendor e viu que era “muito bom” (Gn. 1:31). Mas ele não tinha visto ainda o “melhor”. Isso porque mesmo antes dele criar, Deus tinha decretado que “o melhor de todos os mundos possíveis” não seria no princípio, mas sim no *final* da história. Esse, também, foi o motivo dele ter criado Adão e Eva para serem portadores de sua imagem – dar-lhes o privilégio e responsabilidade, única entre suas criaturas, de trabalhar para o seu Criador-Senhor e trazer a criação à sua consumação pretendida.

Nossos primeiros pais, contudo, mostraram-se servos infiéis e inúteis, e o resto é história – a história triste e calamitosa da pecaminosidade humana e a justa ira e maldição de Deus sobre esse pecado. “Mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Rm. 5:20). Em sua ira, Deus lembrou da misericórdia (Habacuque 3:2). Deus propôs, a despeito do pecado, não abandonar a criação. Ele propôs salvar um povo para si. Ele enviou seu Filho unigênito para ser o novo, “último Adão” (1Co. 15:45, 47). Por sua vida, morte, ressurreição e ascensão, ele não somente cancelou a condenação que nós pecadores mereciam, mas também assegurou a realização dos propósitos originais de Deus para toda a criação. Como “o cabeça sobre todas as coisas para a igreja” (Ef. 1:22, versão do autor), ele está no presente trabalhando, por seu Espírito, para a realização plena daqueles propósitos em seu retorno. Então, quando apresentar os novos céus e nova terra em sua perfeição final e inabalável (Hb. 12:26-28), ele verá de fato o “melhor”.

Qual é a relação, você pode estar se perguntando, de tudo isso com o *Shabbath*? “Muita, em toda a maneira” (tomando emprestada a expressão de Romanos 3:2). Sem dúvida no livro de Hebreus, por exemplo, Deus deixa claro que quer que apreciemos a profunda ligação entre o escopo abrangente da religião cristã, que acabou de ser delineada, e a nossa guarda semanal do Dia do Senhor. Na longa passagem de Hebreus 3:7-4:13, ele está tentando dar aos cristãos do Novo Testamento um senso de sua identidade básica: eles são viajantes; a igreja é um povo peregrino. Ele estabelece o seu ponto, ao comentar o Salmo 95:7-11, comparando a igreja ao Israel no deserto. Essa analogia tem dois lados. Por um lado, assim como Israel tinha sido liberto da escravidão no Egito, assim os crentes *já* foram libertos da culpa e poder do pecado. Mas, por outro lado, assim como Israel no Sinal ainda não tinha entrada na terra de Canaã, assim *ainda não* alcançamos nossa salvação em sua plenitude final. Uma experiência segura e incontestável (mas não incerta!) de

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

salvação ainda é futura para a igreja. Esse é o porquê existem tantas exortações pronunciadas a perseverar, não somente nessa passagem, mas por todo o livro de Hebreus.

Deus chama essa possessão futura de salvação de “descanso” ou “meu descanso”, tomado de Salmo 95 (veja Hb. 3:11, 18; 4:1, 3, 5, 10, 11). Além do mais, ele explicitamente associa o *Shabbath* com esse descanso. Isso acontece de duas formas. Primeiro, em Hebreus 4:4, ele conecta esse descanso com Gênesis 2:2 (“E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito”). Esse é o único lugar onde o Novo Testamento cita esse versículo. É também significativo que existem apenas dois lugares onde o Antigo Testamento cita esse versículo, e nessas duas ocorrências com o propósito de apoiar o mandamento semanal do *Shabbath* (Ex. 20:11; 31:17). Segundo, em Hebreus 4:9, ele deliberadamente chama o descanso de “um repouso do *Shabbath*” (ou “guarda do *Shabbath*”).²

O intento desse comentário inspirado sobre o Antigo Testamento deveria ser claro o suficiente. Deus quer que vejamos o descanso final – a ordem de consumação guardada para os filhos redimidos de Deus – como um grande e infindável descanso sabático. Isso sugere que o dia de *Shabbath* é um sinal escatológico. Em outras palavras, nosso repouso semanal do *Shabbath* é um sinal que aponta para o fim da história e para o cumprimento último de todos os propósitos de Deus para a sua criação.

Ver o *Shabbath* nessa luz tem implicações significativas não somente para a nossa atitude para com o Dia do Senhor, mas também para como vemos a nós mesmos e todas as nossas atividades como servos de Deus. O *Shabbath* semanal não é apenas a provisão de Deus, de forma que possamos ter tempo para adorá-lo (embora certamente o seja). O próprio descanso – cessar tanto quanto possível de todas aquelas atividades que são apropriadas nos outros seis dias da semana – tem significado positivo. O Dia do Senhor é sobre adoração, pois é em primeiro lugar sobre *o evangelho*. É um sinal, um testemunho tanto para a igreja como para o mundo espectador, que “não sois de vós mesmos” (1Co. 6:19). Somos dependentes de Deus, e não de nós mesmos, para a nossa provisão. Isso é um sinal que não confiamos em nós mesmos e em nossos esforços como filhos e filhas caídas de Adão. Confiamos na justiça perfeita de Cristo, o último Adão. Confiamos na fidelidade de Deus às suas promessas pactuais de fazer por nós aquilo que somos incapazes de fazer por nós mesmos.

Nós obscurecemos o significado do Dia do Senhor se o desvinculamos dos outros seis dias da semana. O ciclo semanal – que estrutura a existência humana em quase toda época e lugar – fornece um tipo de “filosofia da história”. O padrão de seis dias de atividade interrompida por um dia de descanso é uma lembrança contínua que os seres humanos não estão imersos

²Nas versões do autor: “a Sabbath-rest” e “Sabbath keeping”. (Nota do tradutor)

numa seqüência de dias sem significado, um após o outro sem fim. A história tem um princípio e um fim. Dirigimo-nos para o julgamento final e a consumação de todas as coisas. Todas as vezes que lembramos o dia de *Shabbath* para santificá-lo, isso nos encoraja a “pensar mais alto”. Lembramos que somos filhos redimidos de Deus. O *Shabbath* semanal é um sinal dado por Deus, para que nossas vidas não sejam sem sentido ou propósito. *Todas as vezes que negligenciamos consagrar o dia de Shabbath a Deus, estamos na verdade roubando a esperança de nós mesmos. Todas as vezes que falhamos em guardar o dia santo para Deus, estamos na verdade obscurecendo nosso testemunho ao mundo da esperança em Cristo.* Todo dia de *Shabbath* é uma lembrança graciosa que o nosso “trabalho não é vão no Senhor” (1Co. 15:58).

O *Shabbath* é agora o Dia do Senhor. O dia de *Shabbath* mudou do final para o começo da semana. Nosso grande privilégio sob o Novo Pacto é *começar* cada semana com o *Shabbath*. Isso é um sinal – por causa da ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana – não somente que a nova criação está “já prestes para se revelar no último tempo” (1Pe. 1:5), mas também que nosso Senhor Jesus Cristo de fato já começou a nova criação. Porque ainda olhamos para a futura consumação, quando *entraremos no descanso de Deus em perfeição*, continuamos a ter um *Shabbath* semanal do Novo Testamento. Porque em Jesus Cristo *já entramos no descanso de Deus em princípio*, nós *começamos* a semana com o *Shabbath*. Já possuímos “o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança” (Ef. 1:13-14). O Dia do Senhor é um sinal semanal de que a salvação não é apenas uma esperança futura, mas uma possessão presente.

Num mundo crescentemente sem Deus e sem esperança, nossa guarda semanal do *Shabbath* é um testemunho sem voz, mas todavia eloqüente e poderoso – um sinal de esperança – a esperança, Deus nos reassegura, que “não desaponta” (Rm. 5:5).

O autor, um ministro da Orthodox Presbyterian Church, serve como professor de teologia sistemática no *Westminster Theological Seminary* em Filadélfia (USA). Ele é o autor dos seguintes livros: *Resurrection and Redemption*, *Calvin's Doctrine of the Sabbath*, *Perspectives on Pentecost* e outros.

Fonte: *New Horizons*, Março/2003.